



A Santa Sé

**DISCURSO DO PAPA FRANCISCO
AOS DELEGADOS DA CONFEDERAÇÃO ITALIANA
SINDICAL DOS TRABALHADORES (CISL)**

*Sala Paulo VI
Quarta-feira, 28 de junho de 2017*

[Multimídia]

Queridos irmãos e irmãs!

Dou-vos as boas-vindas por ocasião do vosso Congresso e agradeço à Secretaria Geral a sua apresentação.

Escolheste um lema muito bonito para este Congresso: *“Pela pessoa, pelo trabalho”*. Pessoa e trabalho são duas palavras que podem e devem estar *juntas*. Porque se pensarmos e mencionarmos o trabalho *sem* a pessoa, ele acaba por se tornar algo desumano, que esquecendo as pessoas, se esquece de si mesmo e desaparece. Mas se pensarmos na pessoa *sem* trabalho, dizemos algo parcial, incompleto, porque a pessoa se realiza em plenitude quando se torna trabalhador, trabalhadora; porque o indivíduo se torna *pessoa* quando se abre aos outros, à vida social, quando *floresce no trabalho*. A pessoa floresce no trabalho. O trabalho é a forma mais comum de cooperação que a humanidade gerou na sua história. Todos os dias milhões de pessoas *cooperam simplesmente trabalhando*: educando as nossas crianças, acionando aparelhos mecânicos, resolvendo problemas num escritório... O trabalho é uma forma de amor civil: não é um amor romântico nem sempre intencional, mas verdadeiro, autêntico, que nos faz viver e levar o mundo para frente.

Certamente, a pessoa *não é só* trabalho... Devemos pensar também na cultura sadia do ócio, do saber repousar. Isto não é preguiça, é uma necessidade humana. Quando pergunto a um homem, a uma mulher que tem dois, três filhos: "Mas, diga-me, você brinca com os seus filhos? Pratica este "ócio"?" — “É, sabe, quando saio para o trabalho, eles ainda dormem, e quando volto, já estão na cama”. Isto é desumano. Por isso, ao lado do trabalho deve caminhar também a

outra cultura. Porque a pessoa não é só trabalho, pois *nem sempre* trabalhamos, e nem sempre devemos trabalhar. Quando somos crianças não se trabalha e não se deve trabalhar. Não trabalhamos quando estamos doentes, nem quando somos velhos. Há muitas pessoas que ainda não trabalham, ou que já não trabalham. Tudo isto é verdadeiro e conhecido, mas devemos recordar também hoje, que ainda há no mundo demasiadas crianças e jovens que trabalham e não estudam, enquanto o estudo é o “único” trabalho bom para crianças e jovens. E também que nem sempre e nem a todos é reconhecido o direito a uma reforma justa — isto é, nem muito pobre nem muito rica: as “*aposentadorias de ouro*” são uma ofensa ao trabalho tão grave como aquelas muito pobres, porque fazem com que as desigualdades do tempo de trabalho se tornem perenes. Ou quando um trabalhador adoece e é descartado inclusive do mundo do trabalho em nome da eficiência — mas se uma pessoa doente com os seus limites ainda consegue trabalhar, a profissão desempenha até uma função terapêutica: às vezes encontramos a cura trabalhando com os outros, juntamente com os outros, pelos outros.

É uma sociedade insensata e míope aquela que obriga os idosos a *trabalhar por demasiado tempo* e força uma geração inteira de jovens a *não trabalhar* quando deveriam fazê-lo para si mesmos e para todos. Quando os jovens estão fora do mundo do trabalho, às empresas faltam energia, entusiasmo, inovação, alegria de viver, e estes são bens comuns preciosos que tornam melhores a vida económica e a felicidade pública. Então, é urgente um *novo pacto social humano, um novo pacto social para o trabalho*, que diminua as horas de trabalho de quem está na última fase laboral, a fim de criar trabalho para os jovens que têm o direito-dever de trabalhar. O do trabalho é o primeiro dom dos pais e das mães aos filhos e às filhas, é o primeiro património de uma sociedade. É o primeiro dote com o qual os ajudamos a levantar voo para a vida adulta.

Gostaria de frisar dois desafios epocais que hoje o movimento sindical deve enfrentar e vencer se quiser continuar a desempenhar o seu papel essencial para o bem comum.

O primeiro é a *profecia*, e diz respeito à própria natureza do sindicato, à sua vocação mais verdadeira. O sindicato é expressão do *perfil profético* da sociedade. O sindicato nasce e renasce todas as vezes que, como os profetas bíblicos, dá voz a quem não a tem, denuncia o pobre “vendido por um par de sandálias” (cf. *Amós 2, 6*), desmascara os poderosos que espezinham os direitos dos trabalhadores mais débeis, defende a causa do estrangeiro, dos últimos, dos “descartados”. Como demonstra também a grande tradição da cisl, o movimento sindical vive os seus grandes momentos quando é profecia. Mas nas nossas sociedades capitalistas progressistas o sindicato corre o risco de perder esta natureza profética e de se tornar demasiado semelhante às instituições e aos poderes que, pelo contrário, deveria criticar. Com o passar do tempo, o sindicato acabou por se assemelhar demais com a política, ou melhor, com os *partidos* políticos, com a sua linguagem e estilo. E ao contrário, se faltar esta típica e diversa dimensão, até a ação no âmbito das empresas perde força e eficácia. Esta é a profecia.

Segundo desafio: a *inovação*. Os profetas são sentinelas que vigiam do seu lugar de observação.

Também o sindicato deve patrulhar *os muros da cidade do trabalho*, como sentinelas que vigiam e protegem quem está dentro da cidade do trabalho, *mas que vigiam e protegem também quem está fora dos muros*. O sindicato não desempenha a sua função essencial de inovação social se vigiar só os que estão *dentro*, se proteger só os direitos *de quem já trabalha* ou está na reforma. Isto deve ser feito, mas é metade do vosso trabalho. A vossa vocação é também proteger quem *ainda não tem direitos*, os excluídos do trabalho, e até dos direitos e da democracia.

O capitalismo do nosso tempo não abrange o valor do sindicato porque se esqueceu da *natureza social da economia*, da empresa. Este é um dos maiores pecados. Economia de mercado: não. Digamos economia *social* de mercado, como nos ensinou São João Paulo II: economia social de mercado. A economia esqueceu-se da natureza social que tem como vocação a natureza social da empresa, da vida, dos vínculos e dos pactos. Mas talvez a nossa sociedade não compreenda o sindicato até porque *não o vê lutar o suficiente nos lugares dos “direitos do ainda não”*: nas periferias existenciais, no meio dos descartados do trabalho. Pensemos nos 40% dos jovens com menos de 25 anos, que não têm trabalho. Aqui na Itália. Deveis lutar contra isto! São periferias existenciais. Não o vê lutar no meio dos imigrados, dos pobres, que estão sob os muros da cidade; ou então não o compreende simplesmente porque às vezes — mas acontece em todas as famílias — a corrupção entra no coração de alguns sindicalistas. Não vos deixeis bloquear por isto. Sei que já há algum tempo vos esforçais nas direções certas, especialmente com os migrantes, os jovens e as mulheres. E isto que digo poderia parecer superado, mas no mundo do trabalho a mulher ainda é considerada de segunda classe. Poderíeis dizer: “Não, mas há uma empresária, aquela outra...”. Sim, mas a mulher ganha menos, é mais facilmente explorada... Fazei alguma coisa. Encorajo-vos a continuar e, se possível, a fazer mais. Habitar as periferias pode tornar-se uma estratégia de ação, uma *prioridade* do sindicato de hoje e de amanhã. Não existe uma boa sociedade sem um bom sindicato, e não existe um sindicato bom que não renasça todos os dias nas periferias, que não transforme as *pedras descartadas* da economia em pedras angulares. Sindicato é uma linda palavra que provém do grego “dike”, que significa justiça, e “syn”, juntos: *syn-dike*, “justiça juntos”. Não há justiça juntos se não for junto com os excluídos de hoje.

Agradeço-vos este encontro, abençoo-vos, abençoo o vosso trabalho e desejo todo o bem ao vosso Congresso e ao vosso trabalho diário. E quando nós na Igreja empreendemos uma missão, numa paróquia por exemplo, o bispo diz: “façamos a missão para que toda a paróquia se converta, isto é, dê um passo para o melhoramento”. “Convertei-vos” também vós: dai um passo para o melhor no vosso trabalho, que seja melhor. Obrigado!

Peço-vos que rezeis por mim, porque também eu me devo converter no meu trabalho: todos os dias tenho que fazer melhor para ajudar e exercer a minha vocação. Rezai por mim, e agora gostaria de vos conceder a bênção do Senhor.

Copyright © Dicastero per la Comunicazione - Libreria Editrice Vaticana